

**A EDUCAÇÃO FÍSICA EM MEIO À PANDEMIA DE COVID-19:  
RELATO DE UMA EXPERIÊNCIA NO IFSUL/PELOTAS**

**PHYSICAL EDUCATION IN THE MIDDLE OF THE COVID-19  
PANDEMIC:  
A REPORT OF AN EXPERIENCE IN IFSUL/PELOTAS**

**LA EDUCACIÓN FÍSICA EN MEDIO DE LA PANDEMIA DEL COVID-19:  
RELATO DE UNA EXPERIENCIA EN IFSUL/PELOTAS**

**Fabiane de Oliveira Schellin**

<https://orcid.org/0000-0002-2265-5273> 

<http://lattes.cnpq.br/8765422448615060> 

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense (Pelotas, RS – Brasil)  
fabianeschellin@gmail.com

**Fabiana Celente Montiel**

<https://orcid.org/0000-0002-9921-6703> 

<http://lattes.cnpq.br/7208001902484898> 

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense (Pelotas, RS – Brasil)  
fabianamontiel@ifsul.edu.br

**Resumo**

O artigo objetiva relatar a experiência e principais aprendizados dos/as estudantes participantes do projeto de ensino "Educação Física e Sociedade", ofertado ao Ensino Médio Integrado, no Instituto Federal Sul-rio-grandense – *Campus Pelotas (IFSul/Pelotas)* em 2020. Trata-se de uma pesquisa de caráter qualitativo, do tipo relato de experiência. O corpus foi composto por: projeto e plano de ensino; descrições das atividades síncronas e assíncronas; relatório final; textos reflexivos dos/as estudantes. O projeto promoveu a problematização das seguintes temáticas: Barreiras e possibilidades para a prática de Atividades Físicas no contexto da pandemia; Esporte enquanto direito social e as desigualdades sociais; Esporte e suas potencialidades nas discussões de gênero e racismo. Por meio da experiência e dos relatos finais dos/as estudantes legitimamos a Educação Física como um espaço para discussões e contribuições capazes de auxiliar na transformação da realidade social, no desenvolvimento integral do ser humano, sob as dimensões pedagógicas, sociológicas e filosóficas.

**Palavras-chave:** Covid-19; Ensino; Educação Física; Esporte.

**Abstract**

This article aims to report the experience and main learnings of students that participated in the learning Project "Physical Education and Society", offered to the High School, at the *Instituto Federal Sul-rio-grandense – Campus Pelotas (IFSul/Pelotas)* in 2020. This is a research of qualitative character, of the experience report type. The research corpus was composed by: project and teaching plan; descriptions of synchronous and asynchronous activities; final report; reflexive texts formulated by the students. The project promoted the questioning of the following themes: Barriers and possibilities for the practice of physical activities in the pandemic context; Sports as a social right and social inequalities related to it; Sport and its potential in gender and racism discussions. Based on the experience and final reports of the students, it is possible to address that the physical education at the School can offer a space for discussions and contributions capable of assisting in the transformation of social reality and in profound human development under pedagogical, sociological and philosophical dimensions.

**Keywords:** Covid-19; Education; Physical Education; Sports.



### Resumen

El artículo tiene como objetivo relatar la experiencia y los principales aprendizajes de los/as estudiantes que participaron del proyecto de enseñanza "Educación Física y Sociedad", ofertado a la Enseñanza Media Integrada, en el *Instituto Federal Sul-rio-grandense – Campus Pelotas (IFSul/Pelotas)* en 2020. Se trata de una investigación cualitativa, del tipo relato de experiencia. El corpus fue compuesto por: proyecto y plan de estudio; descripción de las actividades sincrónicas y asincrónicas; relatorio final; textos reflexivos de los/as estudiantes. El proyecto promovió la problematización de las siguientes temáticas: Barreras y posibilidades para la práctica de Actividades Físicas en el contexto de la pandemia; El deporte como derecho social y las desigualdades sociales; El deporte y sus potencialidades en las discusiones de género y racismo. A través de las experiencias y de los relatos finales de los/as estudiantes, legitimamos la Educación Física como un espacio de discusiones y aportes capaz de auxiliar en la transformación de la realidad social y en el desarrollo integral del ser humano, bajo las dimensiones pedagógicas, sociológicas y filosóficas.

**Palabras clave:** Covid-19; Enseñanza; Educación Física; Deporte.

## INTRODUÇÃO

O surgimento da pandemia de Covid-19 gerou um caos tão grande que a humanidade precisou rever prioridades básicas, entre elas, permanecer vivo e saudável, sendo necessário que entrássemos em isolamento social. Sem o conhecimento de quase nada do vírus tornou-se inviável frequentar espaços em que pudesse haver contato entre as pessoas, dentre esses a escola foi uma das primeiras instituições a ter suas atividades presenciais interrompidas (SILVA et al., 2020).

Diante desse cenário, em março de 2020 o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense – *Campus Pelotas (IFSul/Pelotas)*, lugar que trabalhamos e *locus* dessa investigação, com base em instrução normativa emitida pela Reitoria, suspendeu suas atividades presenciais. Depois de um período de discussões com a comunidade acadêmica o IFSul aprovou, em agosto de 2020, as diretrizes para oferta de Atividades Pedagógicas não Presenciais (APNP), podendo os *campi* que compõem a Instituição, optar pela oferta de um calendário extraordinário ou dar continuidade ao calendário regular.

O IFSul/Pelotas optou pela oferta de um calendário extraordinário, com início em novembro de 2020 e término em janeiro de 2021. O período entre a aprovação das diretrizes para oferta da APNP e o início do calendário serviu para cadastramento de estudantes e oferta de editais de auxílio financeiro, possibilitando assim a inclusão sociodigital de todos/as. Os diversos componentes curriculares dos cursos de Educação Profissional Técnica de Nível Médio (EPTNM) precisaram repensar as suas práticas pedagógicas, identificando as possibilidades e limitações para o seu desenvolvimento no formato remoto. Em relação à oferta poderiam optar em propor a APNP no formato de disciplina ou projeto de ensino.



A Educação Física, em especial, precisou ser repensada e para isso foi necessário discutir de que forma manteríamos, como docentes, os vínculos com estudantes e daríamos continuidade aos processos de ensino e de aprendizagem, já que não tínhamos mais o espaço físico e as atividades práticas, que normalmente são fatores cativantes para os/as estudantes. Como explicitam Miragem e Almeida (2021, p. 6):

[...] além de enfrentar os desafios históricos da constituição da EF enquanto campo do conhecimento dentre os quais, enfatizamos, a relação teoria/prática, a motivação para as aulas de EF [Educação Física], a falta de uma proposição curricular coerente com as especificidades de nosso campo de tematização e os propósitos da escola, dentre outros; passamos a enfrentar também, os novos desafios impostos pelo ensino remoto, como o distanciamento social, a falta de interação entre os sujeitos (“salas virtuais com câmeras e microfones desligados”), dificuldades no uso das tecnologias da informação e comunicação (TICs), falta de acesso à internet, aulas síncronas e assíncronas [...].

Silva e colaboradores (2021, p. 3), também sinalizaram em seu estudo as dificuldades da falta de referências sobre as aulas on-line, os/as docentes não dominavam as plataformas virtuais, portanto, foi tudo muito “novo e desafiador”. E por fim, Machado e colaboradores (2020) destacam diversos desafios enfrentados pelos/as docentes de Educação Física decorrentes do cenário remoto, e acrescentam que:

O trabalho em conjunto - de troca, de vibração em grupo, de aprendizagens coletivas - foi deslocado para um trabalho voltado para o individual. A espontaneidade do contato docente e discente foi substituída pela edição dos vídeos. A voz do professor, pela leitura solitária dos textos. O coletivo, pelo individual [...]. O barulho da turma foi trocado pelos microfones desligados. A correria da escola perdeu espaço para as câmeras fechadas (MACHADO et al., 2020, p. 12-13).

Compreendemos que o esporte é conteúdo hegemônico nas aulas de Educação Física (FORTES et al., 2012; ARAÚJO; ROCHA; BOSSLE, 2017), não sendo diferente no IFSul/Pelotas, e para a oferta de uma APNP esse conteúdo precisou ser reinventado. Assim a coordenadoria de Educação Física, optou por oferecer dois projetos de ensino, ambos voltados a estudantes dos semestres finais (sétimo e oitavo) dos cursos de EPTNM, modalidade integrada - Ensino Médio Integrado, sendo eles: Educação Física e Saúde; Educação Física e Sociedade.

A partir de então, com a ajuda da tecnologia, lançamos mão de ferramentas e aplicativos pelos quais pudéssemos estabelecer contato e formalizar o ensino de maneira remota. Nesse sentido, este artigo teve como objetivo relatar a experiência e principais



aprendizados dos/as estudantes do projeto de ensino “Educação Física e Sociedade”, ofertado ao Ensino Médio Integrado, no IFSul/Pelotas no ano de 2020.

## **CAMINHOS METODOLÓGICOS**

Trata-se de um trabalho de caráter qualitativo, desenvolvido a partir da experiência com o projeto “Educação Física e Sociedade”, do qual participaram cinco docentes da área, sendo duas as autoras deste relato. O mesmo contou com duas turmas e teve um total de 19 inscitos/as, dos/as quais 13 participaram efetivamente das atividades síncronas e assíncronas, o que consideramos um número significativo já que se tratava de uma atividade facultativa, que ocorreria nos meses de novembro, dezembro e janeiro, em meio a um contexto pandêmico.

Para a construção do corpus utilizamos os documentos produzidos durante a organização e implementação da APNP: projeto de ensino; plano de ensino; descrições das atividades síncronas e assíncronas; relatório final. Também incorporamos o corpus de análise os textos reflexivos dos/as estudantes, produzidos ao final da APNP. Dos 13 textos encaminhados, recebemos autorização de dez estudantes para utilizar suas reflexões na construção deste artigo. Utilizamos nomes fictícios para manter o anonimato dos/as estudantes, sendo: Amanda, Anne, Eveline, Fagner, Iris, Isabel, Julia, Liliane, Natalia e Virginia.

Os resultados foram interpretados por meio da análise de conteúdo que, de acordo com Rauen (2006), tem como primeiro passo a organização do corpus, seguida da decomposição e depois a recomposição, determinando a elaboração, discussão e criação das categorias. Para o autor: “O princípio da análise é desmontar a estrutura e os elementos desse conteúdo para esclarecer suas diferentes características e extrair sua significação” (RAUEN, 2006, p. 170).

A partir desse movimento e para facilitar a compreensão da construção do projeto de ensino, após uma breve explicação de como o mesmo se deu, a análise será apresentada a partir de três categorias, as quais englobam as temáticas desenvolvidas e as reflexões realizadas pelos/as estudantes. As três categorias que compõem este artigo são: Barreiras e possibilidades para a prática de Atividades Físicas no contexto da pandemia; Esporte enquanto direito social e as desigualdades sociais; Esporte e suas potencialidades nas discussões de gênero e racismo.



## PROJETO DE ENSINO EDUCAÇÃO FÍSICA E SOCIEDADE – O ESPORTE SOB UMA ÓTICA HUMANISTA

O projeto de ensino Educação Física e Sociedade foi planejado a partir da inquietação de cinco docentes com o fato de que, mais do que nunca, ensinar o esporte por si só (aspectos técnicos e táticos) não fazia sentido. Havia consenso da importância de motivar os/as participantes ao enfrentamento e à superação do momento atual com responsabilidade e cidadania, por meio da proposição e estímulo de ações pedagógicas e vivências da corporeidade sem gerar ansiedades e sobrecarga de estudos para os/as estudantes. Dessa forma, depois de algumas reflexões o grupo construiu a APNP com o seguinte objetivo geral:

Promover práticas corporais que auxiliem na melhora da qualidade de vida e refletir sobre as demandas sociais e culturais a partir do esporte, debatendo questões de desigualdade social e étnico-raciais, bem como as vivências corporais como direito social. (PROJETO DE ENSINO APNP EDUCAÇÃO FÍSICA E SOCIEDADE, 2020, p. 3).

O esporte serviu de base para pensarmos e debatermos temáticas que extrapolassem meramente à sua prática, mas que estivessem vinculadas com as questões socioambientais, políticas e econômicas que atingem a sociedade, aproximando as práticas escolares da realidade vivida. Entendemos que era necessário ter um olhar cuidadoso para as questões referentes à consciência corporal, à Atividade Física e às diferentes possibilidades de práticas corporais, pensando em como elas poderiam auxiliar o enfrentamento do momento pandêmico.

O projeto contou com atividades assíncronas disponibilizadas no Ambiente Virtual de Aprendizagem Moodle (textos, vídeos, reflexões, pesquisas) e com atividades síncronas, por meio de encontros virtuais semanais na plataforma do Google Meet. Durante os encontros síncronos os/as estudantes foram convidados/as ainda a participar de vivências práticas (alongamentos, atividades de aquecimento, ioga, entre outras). As atividades foram organizadas por temáticas como apresenta o quadro a seguir:

**Quadro 1** – Temáticas desenvolvidas

Sem.	Encontro Síncrono	Atividade Assíncrona
1	Acolhida e apresentação da proposta	Barreiras para a prática de Atividade Física
2	Barreiras para a prática de Atividade Física	Possibilidades de práticas na pandemia
3	Possibilidades de práticas na pandemia	Desigualdade social: reflexos da pandemia



4	Desigualdade social: reflexos da pandemia	Esporte como um direito social
5	Esporte como um direito social	Racismo Estrutural e o esporte
6	Racismo Estrutural e o esporte	Gênero e esporte
7	*Feriado Nacional*	Identidade de gênero e esporte
8	Identidade de gênero e esporte	Mulher no esporte
9	Mulher no esporte	Reflexão final
10	Fechamento e avaliação da APNP	-----

**Fonte:** construção das autoras.

Depois de nove semanas de atividades, solicitamos que os/as estudantes nos encaminhassem um texto reflexivo sobre os aspectos discutidos e as práticas desenvolvidas durante a APNP, discorrendo sobre as suas opiniões, observações e a relação do que foi debatido com a realidade de cada um/a. As reflexões serão apresentadas a seguir, a partir das categorias de análise, juntamente com a descrição das atividades propostas.

## **BARREIRAS E POSSIBILIDADES PARA A PRÁTICA DE ATIVIDADES FÍSICAS NO CONTEXTO DA PANDEMIA**

A primeira temática começou de maneira assíncrona com a proposta de leitura de um artigo sobre as barreiras que dificultam a adesão à Atividade Física entre adolescentes e com a reflexão prévia dos/as estudantes sobre questões voltadas à prática de Atividade Física. As perguntas mobilizadoras foram:

Você tem feito Atividade Física? Seu nível de Atividade Física se manteve o mesmo comparado ao período anterior a pandemia? Quais das barreiras apontadas são impedimentos para a sua adesão a uma determinada Atividade Física? Durante a pandemia quais os principais fatores que, em sua opinião, impedem a prática de Atividade Física? (PROPOSTA DE ATIVIDADE ASSÍNCRONA 01).

O artigo trabalhado tinha como objetivo investigar os possíveis agentes que dificultam a prática de Atividade Física entre adolescentes (SANTOS et al., 2010). Na aula síncrona, foi discutido com os/as estudantes se essas barreiras eram presentes em seus contextos, quais as mais evidentes e quais seriam as novas barreiras impostas pela singularidade do momento pandêmico, visto que para muitos/as estudantes a Educação Física e a escola eram um dos poucos espaços de prática de Atividade Física. Assim a fala da aluna Liliane veio ao encontro das discussões quando ela expõe na reflexão final que:

Debater em aulas sobre a importância da atividade, não só para evitar a obesidade, mas também como forma de manter a boa saúde e aumentar a disposição e o ânimo, foi de muita importância para que eu "caísse na real" e visse a forma que eu estava levando os meus dias de forma nada saudável.



O artigo de Santos e colaboradores (2010) evidencia ainda a diferença de níveis de Atividade Física entre os sexos masculino e feminino, destacando que os meninos tendem a possuir maiores níveis de Atividade Física comparados com as meninas. Nesse sentido, solicitamos que os/as estudantes relatassem como se estabeleceram suas novas rotinas durante as atividades remotas e como era a relação entre as pessoas dos diferentes sexos/gêneros no seu ambiente familiar.

Meu nível de prática de Atividade Física diminuiu consideravelmente relacionado com o período anterior a pandemia; já que anteriormente eu praticava aulas de Educação Física e me deslocava uma parte do caminho até a instituição a pé e no momento o máximo que eu faço é realizar as tarefas domésticas. (JULIA).

As diferenças de níveis de Atividade Física entre meninos e meninas podem estar associadas a fatores socioculturais, de maneira que existe a ideia que homens e mulheres possuem papéis diferentes na sociedade (SANTOS et al, 2010). Podemos afirmar que ainda existe uma estrutura de sociedade em que as tarefas dos homens tradicionalmente estão mais voltadas ao trabalho formal fora de casa e das mulheres às tarefas domésticas, que muitas vezes se somam ao trabalho formal.

Propomos também que refletissem sobre as possibilidades de práticas de Atividade Física, uma vez que muitos/as ainda não saiam de casa por insegurança de contaminar-se ou por aspectos financeiros que impossibilitavam a prática. Para tanto foram apresentados alguns sites, aplicativos de celular, páginas da internet e contas em redes sociais que pudessem servir de suporte para a busca de Atividade Física, no intuito de auxiliar na manutenção de um estilo de vida ativo. Solicitamos aos/às estudantes uma pesquisa sobre possíveis práticas que poderiam ser realizadas em casa ou ao ar livre e que não demandassem muitos materiais, gastos financeiros ou riscos de contaminação e lesões.

A partir das proposições trazidas pelos/as estudantes foram organizadas vivências práticas para os momentos síncronos. Entre as propostas sugeridas estavam os alongamentos, a dança, a ioga e o treinamento funcional.

As práticas realizadas em aula, como exercícios de alongamento e a prática da ioga, com uma convidada especial, foi um ótimo jeito de fazer os professores e alunos terem uma proximidade maior, já que não podemos fazer nossas atividades pessoalmente como era comum antes da pandemia. (AMANDA).

Entendemos que essas aulas foram importantes para os/as estudantes, contribuindo para motivá-los/as na adesão à prática de Atividade Física, especialmente no



momento de pandemia, permitindo que se mantivessem ativos/as e ampliassem seus horizontes para novas possibilidades de Atividade Física. As práticas foram significativas, também por contar com a participação de profissionais convidados/as e configuraram-se como uma aproximação da nossa práxis, por meio de momentos de relaxamento e de interação social, mesmo que fisicamente distantes.

## **ESPORTE ENQUANTO DIREITO SOCIAL E AS DESIGUALDADES SOCIAIS**

Na semana quatro a proposta foi de atividades que trabalhassem com as questões do esporte enquanto um direito social. Para essa aula, foram disponibilizados previamente trechos de dois artigos: “Políticas Públicas do Estado do bem-estar social e neoliberal” (BRACHT; ALMEIDA, 2003) e “A importância do Esporte como Política Pública o Brasil” (OLIVEIRA et al., 2011). Como provocação as seguintes questões foram lançadas:

a) O Esporte (e por consequência, a Educação Física) é considerado um direito no Brasil? Por quê? b) Existe espaço para elaboração de políticas para o esporte e lazer nos Estados e Municípios? Pesquise as políticas para o setor na tua cidade. (PROPOSTA DE ATIVIDADE ASSÍCRONA 03).

A ideia de direito social nos remete a pensar sobre o dever do Estado em promover o bem-estar de todos/as em áreas como saúde, educação, empregabilidade, transporte e qualidade de vida, em especial por meio de políticas públicas de esporte e lazer. Assim as políticas públicas precisam estar voltadas para o atendimento da população de forma abrangente e não apenas de uma classe ou grupo social (BRACHT; ALMEIDA, 2003). O que observamos no âmbito escolar é que o esporte acaba não servindo como garantia de direito social a todos/as, uma vez que uma parte grande de estudantes, não possuem as condições para atender as demandas do esporte competitivo, e, assim, não conseguem se inserir nas práticas, pois elas atendem aos mecanismos e às regras do excludente esporte de rendimento, como mostra o relato da estudante Liliane:

Em uma das aulas debatemos sobre o esporte ser um direito social, o que gerou muita conversa e foi uma aula bem legal, em que nós relatamos as dificuldades que encontramos em nos inserir na prática de vários esportes. A maior dificuldade encontrada é a inclusão de meninas, pois relatamos a exclusão que sofríamos no ensino fundamental, feita pelos meninos que geralmente tomavam conta da aula de Educação Física [...].

Outra forma de exclusão que podemos destacar é a falta de investimento pelo Estado em políticas que atendam as comunidades mais necessitadas e instituições públicas, tornando o esporte um mecanismo de segregação social. Essa reflexão é trazida pelos/as estudantes quando discutimos os espaços para as práticas em seus bairros.



Os esportes deveriam ser oferecidos como um direito social, pensando na melhoria da saúde, porém na verdade são ofertados com a intenção de ter competições; além disso, quando são oferecidos, são voltados para pessoas de classe social mais elevada, em zonas mais privilegiadas, dificilmente zonas periféricas são beneficiadas. (JULIA).

Numa realidade mais próxima [...] constatamos que além de academias ao ar livre e pistas de ciclismo, é necessário mais incentivo à prática esportiva. Pois tais medidas públicas não são democratizadas, ou seja, precisamos levar quadras de esporte, ciclovias, eventos e projetos sociais voltado ao esporte por todos os lugares, não apenas nos grandes centros. (IRIS).

Para compreender como o ensino e a aprendizagem dos/as estudantes estavam acontecendo durante as atividades remotas, na semana cinco trabalhamos o esporte como meio para a diminuição das desigualdades sociais. Apresentamos uma síntese do texto: "Um olhar para a desigualdade escolar em tempos de pandemia" (CARTA CAPITAL, 2020) e imagens que demonstravam como estavam acontecendo os processos pedagógicos remotos nas distintas classes sociais. A partir da reflexão os/as estudantes foram instigados/as a postar, em um fórum no Moodle, uma imagem que refletisse o seu sentimento em relação ao momento vivido.

As discussões realizadas no encontro síncrono serviram para expor sentimentos, sobre questões como o acesso a internet, a falta de equipamentos ou mesmo as novas demandas atribuídas às famílias a partir do momento em que todos/as precisaram permanecer em casa. Pelo relato da Eveline, é possível perceber que, a partir da problematização da temática, os/as estudantes sentiram-se confortados/as e acolhidos/as pelo grupo de docentes: "Apesar de tudo, posso de dizer que as aulas online me trouxeram o conforto que me faltava no momento, a sensação de impotência de permanecer no mesmo lugar durante todo o ano peculiar que tivemos" (EVELINE).

Torna-se relevante pensar que a realidade vivida por todos/as foi delicada, principalmente no tocante aos comportamentos e sentimentos presentes nos corpos. Os corpos, por vezes, podem expressar um aprisionamento e uma dificuldade de lidar com essa nova realidade. Como ressaltam Andrade e colaboradoras (2020, p. 3) "a pandemia da COVID-19 movimentou a vida de professores/as e alunos/as, os/as quais tiveram que rapidamente adaptar-se a um novo contexto educacional". Fato legitimado por Eveline: "Os horários das mesmas [disciplinas] convergiram com minhas novas atividades rotineiras, foi necessária uma adaptação de equipamentos e do próprio ambiente [...]".



Discutimos ainda sobre como o esporte poderia contribuir na diminuição de desigualdades sociais. O relato a seguir, expressa uma das reflexões realizadas:

É preciso que o poder público adote o entendimento de que o esporte é um meio de inclusão, de educação e de melhoria da saúde física e psíquica da população, e assim promover ações mais contundentes no sentido de fomentar ações de garantia de direitos sociais constitucionalmente previstos [...] (NATALIA).

A discussão sobre as desigualdades sociais foi fundamental, uma vez que o momento vivido não foi exclusivamente de crise sanitária, mas também econômica e social, em decorrência da pandemia de Covid-19. Porém nessa crise, que não atingiu uniformemente a sociedade, a desigualdade social foi exposta de forma escancarada e as classes menos favorecidas foram, ainda mais, privadas de seus direitos, inclusive o direito ao esporte e ao lazer.

## **ESPORTE E SUAS POTENCIALIDADES NAS DISCUSSÕES DE GÊNERO E RACISMO**

Nas semanas posteriores trabalhamos o combate às desigualdades de gênero, raça e etnia. Quando falamos em raça ou identidade racial, referimo-nos a um conceito sócio, histórico e cultural criado para separar grupos de pessoas ou sujeitos baseado nas características biológicas e/ou físicas (SALES; ALMEIDA, 2015). Não raramente é um pressuposto distorcido cuja finalidade é “demarcar a supremacia de dominação e força social na reprodução das desigualdades, valores e atitudes discriminatórias e preconceituosas contra sujeitos e grupos negros”, não se sustentando sob o “aspecto biológico”, mas sim, na questão social permeada por desigualdades identitárias (SALES, ALMEIDA, 2015, p. 134).

Para essa temática os/as estudantes refletiram a partir de charges/imagens que mostravam situações de racismo e discriminação durante práticas esportivas, assistiram dois vídeos sobre racismo estrutural e buscaram reportagens sobre o tema para discutirmos no encontro síncrono. Também disponibilizamos alguns conceitos básicos para o entendimento do que é racismo estrutural e como ele se encontra intrínseco nas ações do dia a dia. Abaixo trazemos a reflexão da estudante Eveline sobre o tema:

As aulas debatidas foram todas muito esclarecedoras e me fizeram pensar em como aquilo se aplicava em minha volta, em especial sobre o racismo estrutural, no qual aprendi coisas nas quais eu mesma fazia de errado compactuando com o ato, como exemplo, usar expressões como “moreno” e não “negro”, “denegrir” e até mesmo “criado-mudo”. Pude trazer esse debate para minha família, apresentando a eles o que seria o termo “racismo



estrutural”, a necessidade e forma de melhorarmos. Todos aprendemos muito.

Sendo o preconceito, normalmente, uma consequência de padrões erroneamente estabelecidos pela sociedade, a escola lida com os corpos que refletem esses padrões, muitas vezes sob a forma de críticas, exclusões e humilhações (SALES; ALMEIDA, 2015). Dentro da Educação Física, o esporte, enquanto espaço das vivências corporais e relações sociais, deveria apresentar subsídios que minimizassem esse preconceito, construindo um espaço de respeito à diversidade e aos pares.

Na sequência trouxemos uma reportagem sobre o “Caso Tiffany” que se refere às discussões desenroladas a partir da participação de uma atleta transgênero no esporte de alto rendimento (GARCIA; PEREIRA, 2020). Os/As estudantes leram um artigo, foram munidos/as de reportagens sobre o tema e convidados/as a trazer outras reportagens que abordassem as relações de transgeneridade no esporte para o momento síncrono. Como provocação alguns questionamentos foram apresentados:

Como a sociedade lida com a identidade de gênero de forma geral e no esporte? Como as pessoas trans se relacionam com o mundo esportivo? Existem outros casos de pessoas trans no esporte? Quais tuas percepções e opinião sobre o assunto? Se você tivesse no papel de determinar a inclusão ou não de pessoas trans nos padrões normativos do esporte, quais seriam os embasamentos para a sua decisão? Como a Educação Física escolar pode colaborar com a inclusão de pessoas que não se enquadram nos padrões da cisheteronormatividade? (PROPOSTA DE ATIVIDADE ASSÍNCRONA 07).

A presença de atletas transgêneros no âmbito das práticas esportivas nos fez refletir sobre a representação desses sujeitos na sociedade, uma vez que o esporte é, ou deveria ser, considerado instrumento de inclusão social, permitindo uma visibilidade que foge ao padrão heteronormativo. Nesse sentido, Isabel expõe um pouco dessa realidade:

É visível que o gênero feminino e o masculino são prioridade para essas entidades, em consequência outros gêneros não são contemplados nas modalidades esportivas. Por conta disso, casos como o da Tiffany Abreu no vôlei são ainda muito discutidos e questionados, pois recém agora se inicia um processo de inclusão, mesmo que de forma singela.

Goellner (2005) relata que o esporte historicamente é um dos espaços mais ativos nos processos de binarismo e exclusão de gêneros, antes mesmo das questões de transgeneridade a história de luta das mulheres no esporte se fazia presente. Atualmente vemos que as mulheres participam de quase todas as modalidades esportivas, porém ainda há muitas barreiras na trajetória do esporte feminino.



A discussão sobre a mulher no esporte foi trazida para que os/as estudantes refletissem sobre suas experiências e pontos de vista. Para tanto solicitamos a leitura de trechos de um artigo “Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades” (GOELLNER, 2005) e a reflexão sobre o texto considerando: os diferentes períodos retratados no texto; o papel e os estereótipos da mulher na sociedade; estereótipos ainda presentes em relação à mulher no esporte (PROPOSTA DE ATIVIDADE ASSÍNCRONA 08). Trazemos o relato da estudante Anne, que foi muito enriquecedor, uma vez que ela conseguiu relacionar a história de vida das mulheres de sua família com o tema.

Sinto que falta incentivo para as mulheres serem esportistas. Quando vemos mulheres no futebol, escutamos frases de pessoas amarguradas, as rotulando e impondo uma sexualidade nelas. Apesar de notar isso em outras famílias, posso dizer que nasci em uma casa privilegiada, pois o esporte sempre foi algo muito incentivado pela minha mãe, pois ela foi incentivada também pela mãe dela que foi integrante de um dos primeiros times de futebol feminino da cidade na década de 50 (ANNE).

Infelizmente nossa sociedade reproduz “hierarquias epistêmicas entre grupos e sujeitos a partir de um reconhecimento desigual dos marcadores sociais, tais como gênero, sexualidade, raça/etnia, classe social, religião, geração, espectro político, entre outros” (GARCIA; PEREIRA, 2020, p. 2). As discussões sobre igualdade social e gênero, apesar de toda a luta que se percebe pelos movimentos sociais, na prática ainda se mantém no discurso, com poucas atitudes e políticas efetivas no combate as desigualdades, como expõe Virginia em sua reflexão:

Se analisarmos o esporte como um direito de todos e fizermos um comparativo com espaços ocupados por algumas partes da população veremos que a inclusão se restringe aos discursos motivacionais, pois não é posta em execução. Em pleno século XXI ainda são recorrentes os casos de racismo, machismo, xenofobia e LGBTfobia no âmbito esportivo.

Concordando com Adelman (2006), o campo das práticas esportivas e corporais pode ser um espaço importante para dialogar sobre as mudanças nas relações e representações de gênero na sociedade. Um lugar sensível para questionar os rumos de uma cultura em transição para padrões mais igualitários, mais andróginos, avançando, ainda que devagar, para uma despadronização de corpos (ADELMAN, 2006).

## **DESAFIOS E POTENCIALIDADES DO ENSINO REMOTO – APONTAMENTOS FINAIS**



A Covid-19 trouxe uma ruptura não só na presença efetiva, mas em todo o modo de organização e planejamento do trabalho docente, sendo necessário redimensionar todos os processos de ensino e de aprendizagem (SILVA et al., 2020). A pandemia deixou uma distância entre docente e estudante, além de, como sinalizam Silva e Martins (2020), evidenciar a educação bancária criticada por Freire (2011), tendo os/as estudantes como depósitos de conteúdos.

A própria efetivação das atividades remotas foi um desafio, uma vez que nem todos/as tiveram as condições minimamente necessárias para o desenvolvimento do ensino e da aprendizagem. A falta de acesso às tecnologias, como aparelhos celulares, notebooks, redes de internet, para conseguir cumprir com todas as demandas desse novo processo educacional, foi uma realidade enfrentada por muitas famílias, estudantes e docentes. Concordamos com Cunha, Silva e Silva (2020, p.36) ao afirmar que:

O Ensino Remoto Emergencial, implantado às pressas e sem a consideração das múltiplas realidades brasileiras ou das reais condições de efetivação, revelou o quanto os projetos e/ou as políticas educacionais precisam ser melhor planejadas e implantadas baseadas nos indicadores sociais, seja de nível nacional ou dos micro contextos escolares, a fim de evitar o aprofundamento das desigualdades já existentes no país.

O tempo, o cansaço e/ou a falta de entendimento sobre como o processo pedagógico aconteceria, fez com que muitos/as optassem por não aderir às APNP ou a desistir ao longo do processo. Esse fato nos fez refletir sobre o futuro das aprendizagens escolares desses/as estudantes, os/as quais foram os/as mais prejudicados/as, uma vez que por não terem acesso, ficaram privados/as do processo educacional.

Outro grande desafio que enfrentamos foi o fato de que tínhamos em sala de aula, no lugar de rostos que normalmente expressam dúvidas, certezas e questionamentos, apenas câmeras fechadas. Como forma de trazer os/as estudantes ao debate e à participação ativa nos encontros, foram pensados objetivos e conteúdos que não caíssem na prática do neotecnicismo (apenas execução de gestos motores) e não fossem encontros puramente teóricos e conteudistas. Tínhamos a consciência de que os/as estudantes estavam à frente de uma rede de conexões e possibilidades de fugas virtuais, tornando assim o desafio de prender a atenção desses/as jovens ainda maior. Os relatos de Anne e Fagner confirmam esses anseios e percepções, quando expõem que:

As práticas realizadas nas aulas foram coisas que vieram em um momento ótimo onde tudo o que pensamos em fazer é deitar e ficarmos confortáveis.



Foram momentos muito importantes para nos reconectarmos com nosso corpo, desde o alongamento, a ioga e ao treinamento funcional. (ANNE).

Entre as disciplinas que cursei durante este semestre, a “Educação física e sociedade” foi de longe a menos dura e mais relaxante, contrariando todas as minhas expectativas. As atividades foram tranquilas, os textos não eram maçantes e os momentos síncronos além de trazerem muitas discussões riquíssimas, eram extremamente divertidos com professores dedicados, que se tornaram realmente nossos amigos. (FAGNER).

Para que pudéssemos chegar nesses resultados foi necessário readequar metodologias, pensar em objetivos e conteúdos que utilizassem o esporte e a Atividade Física como meios contribuintes para uma melhora da qualidade de vida. Vida que se encontrava cerceada pelas ansiedades e angústias da pandemia, em que muitos/as precisavam estar em casa, sem um ambiente favorável ao estudo, com sobrecarga de trabalho e/ou de estudo, com dificuldade de acesso e estruturação das atividades remotas.

Apesar de tantos desafios, é importante salientar que a realização da APNP apresentou potencialidades, pois nos fez pensar em meios de atender o/a estudante constantemente. Merece ênfase a possibilidade de trazer convidados/as de qualquer lugar do mundo para os momentos síncronos, assim como a utilização de ferramentas digitais e o fato de contarmos com o Moodle para organizarmos as atividades previamente. A articulação entre os/as docentes para pensar em práticas significativas e motivantes foi essencial na elaboração e execução do projeto, para que os/as estudantes passassem por este momento com tranquilidade, como demonstra o relato da Anne:

Inicialmente eu não havia entendido sobre o que essa APNP se trataria, mas confesso que me surpreendi positivamente, pois os temas que foram debatidos em aula foram muito úteis e também atuais, trazendo reflexões e conversas que geralmente não temos.

O projeto desenvolvido no decorrer das dez semanas do calendário extraordinário do IFSul/Pelotas foi uma experiência de extrema relevância, tanto para os/as docentes quanto para estudantes. Assim, dentre os legados da experiência para os docentes, destacamos o investimento nas redes de colaboração, a dialogicidade e a contextualização, como bases para que consigamos tentar desenvolver processos de ensino e de aprendizagem que extrapolem o simples depósito de conteúdo. Já para os/as discentes podemos destacar o fato de conhecer e discutir o esporte a partir de outros aspectos, as possibilidades de contribuir para a construção de uma sociedade mais igualitária, para a minimização de desigualdades sociais e garantia de direitos. Além de promover práticas



corporais que auxiliassem na melhora da qualidade de vida dos/as estudantes, possíveis de serem realizadas no contexto pandêmico.

Entendemos que a Educação Física, como campo do conhecimento vinculado à cultura corporal, precisa estar em consonância com os acontecimentos e mudanças sociais, e assim, assumir a responsabilidade de contribuir com as discussões que abordem temas capazes de auxiliar na transformação da realidade social, buscando o desenvolvimento integral do ser humano, sob as dimensões pedagógicas, sociológicas e filosóficas.

Abordar assuntos como esporte e as questões de desigualdades sociais, étnicas, raciais e gênero, prática corporal como direito social, saúde e qualidade de vida, possibilita ao/a estudante compreender a realidade social. Nesse sentido, o projeto conseguiu provocar reflexões sobre diferentes demandas a partir do esporte, bem como as vivências corporais como direito social. O relato de Fagner demonstra a percepção dos/as estudantes.

Disciplinas como esta são essenciais no desenvolvimento humano e social, uma vez que pudemos descobrir as barreiras que fazem com que nós não pratiquemos esportes, entender que a prática é garantida a nós pela constituição, e saber o bem que atividades simples feitas em casa podem trazer ao nosso corpo foi bom demais.

Os objetivos traçados foram alcançados, pois os/as estudantes expressaram em seus relatos finais o quão proveitoso e importante foi refletir sobre assuntos que cotidianamente não se fazem presentes na escola, tampouco na Educação Física, como expressa Iris: "Acerca do conteúdo, com a sociedade em questão, são debates mais que imprescindíveis em qualquer momento de nossas vidas, para entendermos melhor os processos que ocorrem ao nosso redor". Os/As estudantes reconheceram as principais barreiras que podem existir na adesão e prática da Atividade Física, e trouxeram novas barreiras que emergiram no contexto pandêmico. Além disso, concluíram a APNP mais conscientes em relação às demandas sobre as temáticas de desigualdade social, gênero e étnico-raciais debatidas e problematizadas a partir do esporte, e refletiram sobre como essas questões se fazem presentes no seu dia a dia, tanto na escola quanto fora dela.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADELMAN; Miriam. Mulheres no esporte: corporalidades e subjetividades. **Movimento**, v. 12, n. 1, p. 11-29, jan./ abr., 2006.



ANDRADE, Danielle Müller de e colaboradores. Atividades remotas em tempos de pandemia da COVID-19: possíveis legados à educação. **Revista EDUCITEC**, v. 6, Ed. Esp., e150120, 2020.

ARAÚJO, Samuel Nascimento de; ROCHA, Leandro Oliveira; BOSSLE, Fabiano. Os conteúdos de ensino da educação física escolar: um estudo de revisão nos periódicos nacionais da área 21. **Motrivivência**, v. 29, n. 51, p. 205-221, jul., 2017.

BRACHT, Valter; ALMEIDA, Felipe Quintão. A política de esporte escolar no Brasil: a pseudovalorização da educação física. **Revista brasileira de ciência do esporte**, v. 24, n. 3, p. 87-101, mai., 2003.

CARTA CAPITAL. **Um olhar para a desigualdade escolar em tempos de pandemia.** 25 maio 2020. Disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/blogs/sororidade-em-pauta/um-olhar-para-a-desigualdade-escolar-em-tempos-de-pandemia/>>. Acesso em: 04 nov. 2020.

CUNHA, Leonardo Ferreira Farias da; SILVA, Alcineia de Souza; SILVA, Aurênio Pereira da. O ensino remoto no Brasil em tempos de pandemia: diálogos acerca da qualidade e do direito e acesso à educação. **Revista com censo**, v. 7, n. 3, p. 27-37, ago., 2020.

FORTES, Milena de Oliveira e colaboradores. A educação física escolar na cidade de Pelotas, RS: contexto das aulas e conteúdos. **Journal of physical education**, v. 23, n. 1, p. 69-78, jan./abr., 2012.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 50. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

GARCIA, Rafael Marques; PEREIRA, Erik Giuseppe Barbosa. A opinião de atletas e treinadores de voleibol sobre a participação de mulheres trans. **Movimento**, v. 26, e26068, jan./dez., 2020.

GOELLNER, Silvana Vilodre. Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades. **Revista brasileira de educação física e esporte**, v. 19, n. 2, p. 143-151, 2005.

MACHADO, Roseli Belmonte e colaboradores. Educação física escolar em tempos de distanciamento social: panorama, desafios e enfrentamentos curriculares. **Movimento**, v. 26, p. e26081, dez., 2020.

MIRAGEM, Antônio Azambuja; ALMEIDA, Luciano de. Potencialidades e limitações da educação física no ensino remoto: o efeito pandemia no componente curricular. **Movimento**, v. 27, p. e27053, jan./dez., 2021.

OLIVEIRA, Pedro Ferreira Alves de e colaboradores. A importância do esporte como política pública no Brasil. **EFDeportes**, ano 16, n. 162, nov., de 2011.

RAUEN, Fábio José. **Roteiros de pesquisa**. Rio do Sul, SC: Nova Era, 2006.



SALES, Leydiane Vitória; ALMEIDA, Neil Franco Pereira de. Diversidade racial e educação física escolar na Revista Brasileira de Ciências do Esporte (1979-2013). **Conexões**, v. 13, n. 1, p. 129-161, 2015.

SANTOS, Mariana Silva e colaboradores. Prevalência de barreiras para a prática de atividade física em adolescentes. **Revista brasileira de epidemiologia**, v. 13, n. 1, p. 94-104, mar., 2010.

SILVA, Maria Eleni Henrique da; MARTINS, Raphael Moreira. Reflexos da pandemia na Educação física escolar: uma reflexão possível à luz de Paulo Freire. In: SILVA, Maria Eleni Henrique da; MARTINS, Raphael Moreira (Orgs.). **Pressupostos freireanos na educação física escolar: ação e movimentos para a transformação**. Curitiba, PR: CRV, 2020.

SILVA, Antonio Jansen Fernandes da e colaboradores. A adesão dos alunos às atividades remotas durante a pandemia: realidades da educação física escolar. **Corpoconsciência**, v. 24, n. 2, p. 57-70, mai./ ago., 2020.

SILVA, Patrícia da Rosa Louzada da e colaboradores. Educação física e suas possibilidades no ensino remoto: relato de uma escola privada. **Caderno de educação física e esporte**, v. 19, n. 3, p. 1-7, 2021.

**Dados da primeira autora:**

Email: fabianeschellin@gmail.com

Endereço: Rua Mané Garrincha, 452, Bairro Navegantes, Pelotas, RS, CEP: 96076-190, Brasil.

Recebido em: 01/02/2022

Aprovado em: 26/03/2022

**Como citar este artigo:**

SHELLIN, Fabiane de Oliveira; MONTIEL, Fabiana Celente. A educação física em meio à pandemia de covid-19: relato de uma experiência no IFSul/Pelotas. **Corpoconsciência**, v. 26, n. 1, p. 168-184, jan./ abr., 2022.